



Apresentação

Alafia!

Trabalho realizado!

Licença aos Mais Velhos e às Mais Velhas!

Mojubá!

Láaróyè Exu!

Estamos felizes em lhes apresentar a Revista Odeere, cujo dossiê intitulado “Legados Africanos e Experiências do Sagrado” é composto por um conjunto multidisciplinar de estudos sobre tradições, com seus simbolismos e suas práticas. Nos textos aqui reunidos há informações originais sobre mitos e ritos do Candomblé e de outras religiões afrodiáspóricas; incluem-se entre os temas privilegiados o Erótico, o Profano e o Sagrado. Em uma palavra: buscou-se tocar o Inefável.

Nesses escritos, o(a) leitor(a) poderá saborear as relações entre a palavra que enuncia e os legados africanos; a sexualidade, o erotismo e a cultura ancestral; as múltiplas faces de Exu, bem como algumas de suas relações com as pomba-giras; Exu também apresentado como Zumbi. E, pasmem, o legado negro e o Sagrado não se restringem aos terreiros, mas, navegam velozes nas malhas eletrônicas via Facebook.

Não temos aqui, apenas um conjunto de escritos sobre religiões de matrizes africanas no Brasil, mas uma seleção de estudos que versam sobre comunidades, indivíduos, gente de carne e osso. Tudo isso nos remete a tradições negras no Brasil: do pó de pemba ao incenso preparado

com folhas colhidas pela manhã; dos ebós depositados nas encruzilhadas aos mistérios dos orixás que incorporam em Matriarcas; do poderoso hálito da Iyalorixá a Zumbi e sua luta pela libertação; dos orixás que rodopiam nas páginas da rede mundial de computadores a todo um sistema complexo de distribuição e consumo de bens (i)materiais. Pedços de África no Brasil, cada qual com suas especificidades, técnicas, práticas de culto e atos sagrados, estão aqui reunidos.

Que fio de conta une estes textos? Dentre outras possibilidades, o(a) leitor(a) poderá perceber o esforço de questionar a racionalidade positivista, o interesse de romper com maniqueísmos, hierarquias e linearidades.

Por que este esforço e este interesse? Porque o reducionismo dificulta, ou mesmo impede, o encontro com o Sagrado. É o que atestam estudos de antropólogos pelo menos desde Roger Bastide no Brasil, ou se preferirmos, basta revisitar a arte de Gilberto Gil: “Olorum se mexeu / Rompeu-se a guia de todos os santos / Foi Bahia pra todos os cantos / E onde quer que houvesse gente / Brotavam como sementes / As contas desse colar (...)”.

O conhecimento produzido pelas/os autoras/es e divulgado agora por nossa Revista é simbólico. Isto não implica em afirmar que esse conhecimento não seja acadêmico e científico. Implica, sim, no fato de reconhecermos que o saber não se transmite exclusivamente por meio de axiomas e seus enunciados frios: comunica-se também por meio de narrativas, de breves histórias que, costuradas umas às outras, formam uma bela colcha de retalhos. As narrativas, contas de um colar ou elos de uma corrente, têm a peculiar característica de amoldarem-se às diversas circunstâncias de lugar e tempo.

Assim como nossos ancestrais, também contamos histórias. Mas agora, algumas dessas histórias são registradas em dossiês acadêmicos. Daí a relevância de abriremos portas e janelas desta Revista para o ingresso de narrativas sobre experiências do Sagrado e seus legados, acolhendo textos de pesquisadoras/es renomadas/os, cujos estilos de escrita e cujas subjetividades irmanam-se no compartilhamento de liturgias negras, africanas e míticas.

Basta ler seus textos para perceber que ao invés do discurso da Cruz, da Salvação e do Pecado (não nos interessamos por um juízo de valor aqui) é o erótico e o sagrado, preservados como segredos e não como Revelação que dão o tom do debate. Articulam-se, assim,

performances do Axé, ou seja, o desejo de revitalizar a prática litúrgica, de melhor absorver elementos (alimentos) da sabedoria tradicional, de melhor conhecer a relação entre grupo e individualidades, por meio do (re)contar histórias, mitos e ritos presentes no terreiro.

Entregue o trabalho, este ebó de nossas palavras, desejamos que renda frutos e potencialize as realizações, que fertilize a Academia e participe do projeto coletivo de tornar audíveis as vozes de grupos historicamente, como se sabe, subalternizados.

Estudos de diversas/os historiadoras/es e antropólogas/os não deixam dúvidas quanto à agressão sofrida pelos cultos de matrizes africanas ao longo da história brasileira. No Brasil as práticas mágicas e a religiosidade negra foram, e continuam sendo, alvo de preconceito, discriminação e ataques. Foram construídas e mantidas representações negativas das práticas religiosas negro-africanas, entre as quais, as de culto aos orixás. Idiomas africanos entendidos como dialetos e religiões africanas como seitas, com práticas animistas e fetichistas. Estudos científicos realçados por colonizadores contribuíram expressivamente para a construção de estereótipos negativos: filhos de África, em seu continente de origem e nos países da diáspora foram desenhados como inferiores, primitivos, feios e maus. Ao assistirmos as religiões brasileiras de matrizes africanas sujeitas a ataques religiosos, perguntamos: que espécie de anacronismo é esse? Africanos, seus descendentes, suas culturas e suas religiões participaram e participam da constituição da sociedade brasileira, as matrizes africanas são peça chave no contexto epistêmico pluralista desta sociedade. Que espécie de anacronismo é esse?

Mas, o que tem que ser tem força, diz o africano. Eis nossa Revista. Se a caminhada até aqui não foi simples, demandou esforços e coadunou interesses diversos, por outro lado, podemos dizer: Alafia! trabalho realizado!

Quem é de terreiro reconhece que ao dizermos Alafia, não apenas evocamos o término positivo de um ciclo de atividades, mas, mais que isso, recuperamos o jogo da vida com sua dinâmica de forças ambivalentes criativas e destrutivas. Vejamos: o mesmo vento que afaga e afasta o calor, causa as catástrofes dos vendavais; a mesma água que sacia a sede, inunda casas e provoca mortes.

Com suas estripulias e irreverência, sua lealdade aos bons propósitos, quem nos ajuda a superar a problemática da hierarquia e dos binarismos é o deus nagô da palavra, Exu. Deus da Ordem, que também conhece o caminho do caos, demonstra que todo sentido é contextual, aponta para a diversidade e a alteridade, o respeito à diferença. É a diferença na igualdade, então, o que pode nos unir. Daí uma aquarela de textos refinados com carinho e dedicação para serem entregues a você, leitor(a): Alafia!

Alexandre Fernandes
Ronilda Iyakemi Ribeiro
Marise de Santana

(Organizadores)

DOI: <https://doi.org/10.22481/odeere.v3i3.1570>

Odeere: revista do programa de pós-graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade – UESB.
ISSN 2525- 4715. Ano 2, número 3, volume 3, Janeiro – Junho de 2017.